



A CATEGORIA TOTALIDADE NO MÉTODO MATERIALISTA HISTÓRICO DIALÉTICO E SUA RELEVÂNCIA PARA A PESQUISA EM GEOGRAFIA

Ms^a Jóyce Oliveira Leitão ¹
Prof. Dr. Antônio Carlos Vitte ²

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo revisitar os fundamentos do método materialista histórico dialético, com destaque para a categoria de totalidade, como uma forma de resgatar a concepção de mundo na qual este método se baseia e suas implicações práticas para a pesquisa acadêmica. Quando falamos em “implicações práticas”, não nos referimos à metodologia adotada pelo pesquisador, uma vez que Marx não definiu uma metodologia de trabalho específica associado ao materialismo histórico dialético, mas sim uma posição do sujeito que pesquisa em relação ao objeto.

Em relação aos fundamentos que buscaremos discutir no artigo proposto estão a posição materialista de concepção de mundo, a lógica dialética materialista e a totalidade do real. Entendemos que a categoria de totalidade tem especial importância para a Geografia porque, apesar da tendência das ciências modernas em trabalhar com objetos de pesquisas extraídos e isolados dos contextos de onde emergem, nossas pesquisas buscam investigar a relação do objeto com seu entorno espacial, considerando, assim, em geral, um recorte complexo da realidade.

Palavras-chave: Materialismo Histórico Dialético, Método, Geografia, Totalidade.

ABSTRACT

This work aims to revisit the foundations of the Dialectical and Historical Materialism method, with an emphasis on the category of totality, as a way to recover the conception of the world on which this method is based and its practical implications for academic research. When we speak of "practical implications," we are not referring to the methodology adopted by the researcher, since Marx did not define a specific working methodology associated with dialectical historical materialism, but rather the position of the researching subject in relation to the object.

The foundations we will seek to discuss in the proposed article are the materialist position of the conception of the world, materialist dialectical logic, and the totality of the real. We understand that the category of totality is especially important for Geography because, despite the tendency of modern sciences to work with research objects that are extracted and isolated from the contexts from which they emerge, our research seeks to investigate the relationship of the object with its spatial surroundings, thus generally considering a complex section of reality.

Keywords: Dialectical and Historical Materialism, Method, Geography, Totality.

¹ Doutoranda em Geografia no Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas, joyce.oliveira.leitao@gmail.com;

² Professor orientador: titulação, Faculdade Ciências - UF, orientador@email.com.



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo revisitar os fundamentos do método materialista histórico dialético, com destaque para a categoria de totalidade, como uma forma de resgatar a concepção de mundo na qual este método se baseia e suas implicações práticas para a pesquisa acadêmica. Quando falamos em “implicações práticas”, não nos referimos à metodologia adotada pelo pesquisador, uma vez que Marx não definiu uma metodologia de trabalho específica associada ao materialismo histórico dialético, mas sim uma posição do sujeito que pesquisa em relação ao objeto.

Em relação aos fundamentos que buscamos discutir neste artigo estão a posição materialista de concepção de mundo, a lógica dialética materialista e a totalidade do real. Entendemos que a categoria de totalidade tem especial importância para a Geografia porque, apesar da tendência das ciências modernas em trabalhar com objetos de pesquisas extraídos e isolados dos contextos de onde emergem, nossas pesquisas buscam investigar a relação do objeto com seu entorno espacial, considerando, assim, em geral, um recorte complexo da realidade. Tal preocupação da Geografia com a totalidade fenomênica, se por um lado permite que a Geografia seja capaz de analisar fenômenos sociais e ambientais em sua relação uns com os outros, por outro lado, historicamente, relegou à essa área do conhecimento o papel de ciência de síntese, como aponta Moreira.

Aparentemente, tal vagueza de conteúdo some diante da certeza que se tem de a geografia ser uma ciência de síntese. E que possui como real a totalidade. Como o objeto que constitui a base de construção da totalidade sintética é ora a relação homem-meio e ora a organização espacial, é forçoso concluir-se que a geografia abrange tudo o que é imaginável e inimaginável, de vez que nada existe neste mundo que não se situe (MOREIRA, 2006, p. 171)

Tal estranheza se acentua em uma ciência que, embora tenha empreendido críticas e buscado superar o positivismo clássico, ainda carrega marcas profundas de sua herança, expressas na valorização da objetividade e da quantificação, sobretudo em áreas mais técnicas da Geografia. Compreender essa tensão entre valorização da particularidade e busca da totalidade fenomênica exige um retorno às bases formativas da Geografia, que antecedem o predomínio do positivismo e se enraízam na *Naturphilosophie* e no idealismo alemão (VITTE, 2010). São esses movimentos filosóficos que influenciam a preocupação geográfica com a totalidade, e a busca por apreender a unidade e a interdependência dos fenômenos espaciais.



Tal preocupação com a totalidade se mostram claros na Geografia seminal de Karl Ritter e Alexander Von Humboldt. Na concepção de *Erdkunde* de Karl Ritter, a superfície do Planeta Terra seria uma unidade constituída de múltiplas particularidades. Caberia à Geografia analisar essas totalidades, marcadas pela relação entre história e ambiente. Humboldt, por sua vez, também estaria interessado na totalidade dos fenômenos e na harmonia da natureza através deles, concebendo o conhecimento geográfico como uma forma de entender a unidade orgânica do mundo. Sua visão rompe com a fragmentação do pensamento mecanicista ao propor uma abordagem em que a natureza é compreendida como um todo harmonioso.

Resgatamos o pensamento dos autores seminais da Geografia moderna porque, embora não tenham constituído escolas de pensamento sistematizadas, suas obras exerceram influência decisiva sobre gerações posteriores. Como aponta Claval (2006), autores como Friedrich Ratzel, Paul Vidal de La Blache, Jean Brunhes e Élisée Reclus deram continuidade, em diferentes direções, a uma reflexão sobre a complexidade do espaço geográfico mantendo a preocupação com a totalidade dos fenômenos regionais. A importância dessa herança intelectual cujo assento se dá na totalidade é relevante sobretudo se considerarmos que os geógrafos das gerações seguintes vivenciaram um período de consolidação do positivismo como concepção dominante de ciência, o que implicou tanto a valorização da quantificação quanto o progressivo afastamento de explicações de caráter teleológico ou especulativo.

Mas, em que pese as contribuições da Geografia Clássica para compreensão dos fenômenos em sua relação uns com os outros, é preciso salientar que sua preocupação com a totalidade estava ancorada em uma concepção idealista de mundo, fortemente influenciada pelo romantismo e pelo idealismo alemão. Essa visão pode ser observada, por exemplo, em Karl Ritter, para quem o meio natural seria criado com o propósito de permitir que o homem, em sua relação com a natureza, se desenvolvesse espiritualmente, preparando-se para uma existência além da vida terrena. Trata-se, portanto, de uma leitura teleológica da história e da relação homem-natureza, na qual o sentido do real é atribuído a uma finalidade exterior à própria materialidade da vida.

Com o advento do positivismo, a ciência passa a buscar uma explicação do mundo desvinculada de princípios metafísicos ou teleológicos, assumindo uma perspectiva mais materialista. No entanto, essa virada implicou o aprofundamento da fragmentação do conhecimento já iniciada com o mecanicismo e com a perda da noção de totalidade, uma vez que os fenômenos passaram a ser analisados de forma isolada, reduzidos a variáveis quantificáveis e mensuráveis.



A concepção materialista histórica e dialética, que se consolida como referência teórico-metodológica na Geografia a partir do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 (CLAVAL, 2006), ao criticar o positivismo, busca resgatar o método dialético e, conseqüentemente, a relevância da totalidade como categoria central na forma de compreender as relações sociais. Ao herdar a tradição dialética, o materialismo histórico entende que a relação entre o homem e a natureza é determinada pelas condições históricas concretas de produção da vida, e não por fatores isolados

Entretanto, como observa Alfredo (2009), a adoção de uma perspectiva dialética, sobretudo na geografia é, por vezes, desafiadora, devido à herança positivista existente, em particular na geografia, mas nas ciências humanas como um todo. Por isso, revisitar as premissas do método marxiano de análise da realidade desempenha um papel relevante para todos aqueles que procuram adotar o materialismo histórico dialético em suas pesquisas na Geografia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em sua obra intitulada *“Introdução aos Estudos do Método de Marx”*, José Paulo Netto (2011, p. 27) nos recorda que, ao tratarmos do método marxiano, é preciso ter em mente que Marx não elaborou nenhum manual metodológico, tampouco se dedicou à sistematização de uma Lógica. Logo, não é possível encontrar em Marx um passo a passo de como proceder com a pesquisa. Marx concebe o método como um movimento de pensamento que acompanha e reproduz idealmente o movimento real do objeto. Por isso, o método marxiano não é uma receita de procedimentos, mas uma forma de apreender a realidade concreta.

Na Introdução dos Grundrisse, Marx expõe sua compreensão acerca do processo de construção teórica: o método não é ponto de partida, mas resultado de uma longa mediação entre o real e o pensamento. É nesse sentido que Netto (2011) observa inúmeras vezes em sua obra que o “método marxiano” é, na verdade, o método que se abstrai da própria pesquisa de Marx, isto é, aquele que emerge do modo como ele analisa as contradições do capital e as transforma em categorias teóricas. Assim, o método não se encontra previamente dado, mas se constrói na e pela investigação concreta do real.

A contribuição de Marx, portanto, não reside em oferecer um conjunto de instrumentos técnicos para a pesquisa, mas em indicar a posição epistemológica do sujeito diante do objeto, bem como a natureza dialética e crítica do trabalho teórico. Logo, não se trata de caminho metodológico, mas um modo de pensar o concreto. Portanto, embora Marx não tenha deixado



um “guia metodológico”, sua obra oferece um horizonte de investigação crítica do movimento do real

O primeiro passo para revisitarmos os fundamentos do materialismo histórico-dialético consiste em retomar o sistema hegeliano, do qual Marx herda sua concepção de movimento da realidade. Como nos esclarece Taylor (2014), para Hegel, a realidade é a manifestação do Espírito Absoluto, sendo a história a expressão do processo de desenvolvimento da autoconsciência racional do Espírito em direção à liberdade. Esse processo de busca pela liberdade e pela autoconsciência ocorre por meio do movimento de formação e superação das contradições. Assim, a realidade se manifesta como a necessidade do Espírito de alcançar a autoconsciência e de superar a contradição entre razão e liberdade.

Marx, entretanto, realiza uma inversão dessa perspectiva para a qual a realidade é criada como uma expressão da necessidade do Espírito. Em contraposição, Marx afirma que “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 2007, p. 37). Isto é, as ideias, as formas de pensamento e as representações humanas não emergem de si mesmas, mas resultam das condições materiais de existência, das práticas produtivas e das relações sociais historicamente determinadas. Nessa perspectiva, a consciência é compreendida como um produto social. A transformação do mundo, portanto, não decorre de ideias abstratas, mas da atividade prática e material dos sujeitos históricos. Essa concepção representa uma ruptura com o idealismo de Hegel.

Logo, em que pese a dialética de Marx derivar e se inspirar na mesma “engrenagem” movida por superação de contradições presente em Hegel, ele afirma que seu “método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto” (MARX, 2011, p. 78).

Essa crítica marxiana tem implicações diretas para o campo da ciência. O materialismo histórico-dialético exige que o pesquisador reconheça a objetividade do real como condição fundamental de sua prática teórica. O objeto de estudo deve ser apreendido enquanto realidade objetiva, existente independentemente da consciência do pesquisador. Como observa Netto (2011, p. 55), a investigação científica, sob a perspectiva marxiana, parte do pressuposto de que o real precede e condiciona o pensamento, e não o contrário. A tarefa do pesquisador é, portanto, reconstruir conceitualmente o movimento efetivo do real, e não projetar sobre ele suas próprias categorias subjetivas.

Em *A Ideologia Alemã*, Marx, em sua crítica a Feuerbach, estabelece as bases da relação do sujeito com o objeto de investigação científica. Ao contrário da filosofia alemã clássica, que, nas palavras de Marx, “desce do céu à terra”, o método marxiano “se eleva da terra ao



céu” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94). Ou seja, não se parte do que os homens dizem, imaginam ou representam, nem de homens idealizados, mas dos homens reais, ativos, cujas ações e processos de vida concretos permitem compreender o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos de sua prática material. Como Marx enfatiza, “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94). O ponto de partida do método é, portanto, a realidade material dos indivíduos. A esse respeito, aponta Marx:

O primeiro pressuposto de toda história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. O primeiro fato a constatar é, pois, a organização corporal destes indivíduos e, por meio dela, sua relação com o restante da natureza. Naturalmente não podemos abordar, aqui, nem a constituição física dos homens, nem as condições naturais, geológicas, orohidrográficas, climáticas e outras condições já encontradas pelos homens. Toda historiografia deve partir desses fundamentos naturais e de sua modificação pela ação do homem (MARX; ENGELS, 2007, p. 87)

Ou seja, os pressupostos do método marxiano constituem-se na realidade concreta dos indivíduos, de suas ações e das condições materiais de existência, tanto aquelas herdadas quanto aquelas historicamente produzidas. O primeiro elemento a ser considerado é a organização corporal dos indivíduos e sua relação com a natureza, uma base sobre a qual toda investigação científica ou historiográfica deve se apoiar, levando em conta tanto os fundamentos naturais quanto as transformações promovidas pela ação humana ao longo da história.

Logo, no processo de investigação, para a lógica dialética materialista, o primeiro passo é apreender o objeto em sua materialidade concreta e, em seguida, abstraí-lo, para extrair conceitos e determinações que, posteriormente, permitirão retornar ao objeto com uma compreensão enriquecida de sua totalidade. Como observa Marx:

Parece ser correto começarmos pelo real e pelo concreto, pelo pressuposto efetivo [...]. A população é uma abstração quando deixo de fora, por exemplo, as classes das quais é constituída [...]. Daí teria de dar início à viagem de retorno até que finalmente chegasse de novo à população, mas desta vez não como a representação caótica de um todo, mas com uma rica totalidade de muitas determinações e relações. (MARX, 2016, p. 54)

Ao realizar a abstração, é essencial que o pesquisador mantenha em mente que o objeto integra uma totalidade concreta. Marx adverte:

O todo como um todo de pensamentos, tal como aparece na cabeça, é um produto da cabeça pensante que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível [...]. O sujeito real, como antes, continua a existir em sua autonomia fora da cabeça; isso, claro, enquanto a cabeça se comporta apenas de forma especulativa, apenas teoricamente. Por isso, também no método teórico, o sujeito, a sociedade, tem de



estar continuamente presente como pressuposto da representação. (MARX, 2016, p. 55)

A totalidade concreta, como observa Netto (2011, p. 56), não deve ser concebida como homogênea nem como composta por partes meramente funcionalmente integradas. Ao contrário, trata-se de uma estrutura complexa, formada por totalidades menores e mais simples, cada uma com níveis distintos de complexidade, que se articulam mediante relações de interdependência e contradição. Essas totalidades menores, também chamadas de particularidades, se relacionam com o todo e o integram de forma dialética, alterando-o e sendo por ele alteradas. Logo, a análise científica deve considerar que o todo não absorve mecanicamente as particularidades, ou que a totalidade não está simplesmente reproduzida nas particularidades, mas tais dimensões apresentam inter-relações dinâmicas que conferem à totalidade seu caráter singular e histórico.

Lukács (*apud* ANDRADE, 2025, p. 14) reforça essa perspectiva:

Essa prioridade do todo sobre as partes, do complexo total sobre os complexos singulares que o formam, deve ser considerada absolutamente estabelecida, porque, de outro modo [...], chegar-se-á a extrapolar e tomar autônomas aquelas forças que, na realidade, simplesmente determinam a particularidade de um complexo parcial no interior da totalidade [...]. Segue-se que cada um deles possui especificidade própria, sem a qual não é possível compreender a sua essência. Porém, tal especificidade, no plano ontológico, é determinada não somente por leis próprias ao complexo parcial, mas também, e sobretudo, pelo lugar e pela função deste na totalidade social.

A relevância dessa abordagem reside no fato de que nenhuma parte pode ser compreendida isoladamente, ao contrário, sua especificidade emerge apenas em relação à totalidade em que está inserida. Dessa forma, a totalidade é simultaneamente unidade e diversidade. O método marxiano, ao reconhecer que a totalidade concreta não é homogênea, logo a investigação da realidade deve apreender tanto as leis particulares que regem cada parte quanto às determinações universais que emergem do conjunto. Isso evita reducionismos que tratam forças e elementos isolados como autônomos, permitindo compreender a dinâmica das contradições que caracterizam a realidade. A esse respeito, Netto (2011, p.56), esclarece:

[...] uma questão crucial reside em descobrir as relações entre os processos ocorrentes nas totalidades constitutivas tomadas na sua diversidade e entre elas e a totalidade inclusiva que é a sociedade burguesa. Tais relações nunca são diretas; elas são mediadas não apenas pelos distintos níveis de complexidade, mas, sobretudo, pela estrutura peculiar de cada totalidade. Sem os sistemas de mediações (internas e externas) que articulam tais totalidades, a totalidade concreta que é a sociedade burguesa seria uma totalidade indiferenciada - e a indiferenciação cancelaria o caráter do concreto, já determinado como "unidade do diverso"



Logo, a categoria de mediação torna-se central e indispensável para a apreensão da concretude do real. Além da mediação, a contradição constitui uma categoria central do método marxiano. Diferentemente da lógica formal, que concebe a contradição apenas como incoerência, em Marx ela é princípio constitutivo e motor da realidade social. Logo, compreender essas contradições é indispensável para apreender a totalidade em movimento (MARX, 2007; 2016; NETTO, 2011).

Por fim, a análise não é neutra nem contemplativa: o pesquisador participa ativamente da apreensão do real. Como observa Marx (2016, p. 55), o sujeito real deve estar continuamente presente como pressuposto da representação, afinal é na cabeça pensante do sujeito que a abstração capaz de reproduzir o movimento do real é empreendida. Portanto, o conhecimento não aparece na mente do pesquisador, mas é por ele criado. Ou seja, a análise da realidade envolve uma posição do sujeito que pesquisa diante do mundo.

TOTALIDADE NA GEOGRAFIA

O conceito de totalidade tem se mostrado central para a Geografia crítica, pois permite compreender o espaço geográfico em sua integralidade histórica, social e ambiental. Milton Santos (2009, p. 122) articula a totalidade como real-abstrato e real-concreto, enfatizando que as formas espaciais são manifestações concretas dessa totalidade:

Os fragmentos de totalidade assim tornados objetivos continuam a integrar a totalidade. Eles ocupam os objetos como sua essência e atividade, mas sempre como função da totalidade, que continua íntegra. Cada indivíduo é apenas um modo da totalidade, uma maneira de ser: ele reproduz o Todo e só tem existência real em relação ao Todo” (SANTOS, 2009, p. 122).

Essa concepção evidencia que cada parte do espaço geográfico, cada objeto ou fenômeno, adquire sentido somente em relação ao todo, refletindo a dinâmica das contradições e mediações que atravessam a totalidade social e ambiental. Nesse contexto, o conceito de região assume papel fundamental. Para Moreira, a região, enquanto particularidade, atua como mediação entre o singular e o universal, permitindo compreender a totalidade em suas manifestações concretas e específicas. Para o autor: “a conjunção da universalidade e da singularidade no objeto leva à particularidade, entendida como a síntese dialética do universal e do singular, constituindo uma unidade contraditória” (MOREIRA, 2009, p. 31).



Carlos Walter Porto-Gonçalves, por sua vez, aplica a lógica dialética materialista para examinar a relação entre processos de universalização, como a globalização, e seus desdobramentos locais, enfatizando a singularidade das populações impactadas por transformações ambientais e socioeconômicas. Assim, a globalização, embora de caráter universal, não se manifesta de forma homogênea, mas atravessa lugares e populações de modos diferenciados, revelando a desigualdade estrutural e a contradição entre forças globais e condições locais, revelando complexos sistemas de mediação entre particularidades regionais e a totalidade da globalização (PORTO-GONÇALVES, 2006).

Ao articular essas perspectivas, a Geografia crítica torna possível compreender fenômenos socioambientais como expressões concretas das contradições do sistema capitalista, sem reduzi-los a causas imediatas ou isoladas, mas com foco na totalidade. As secas na Amazônia, as enchentes no Rio Grande do Sul ou a ocupação desigual do território urbano são manifestações locais de processos estruturais e universais que atravessam a totalidade do sistema. A análise geográfica, portanto, deve considerar a mediação entre o universal e o particular, bem como as contradições internas das totalidades espaciais, garantindo que se apreenda a realidade como uma unidade dinâmica de múltiplas determinações, em que singularidades, particularidades e universalidades se articulam de forma histórica e contraditória.

Essa articulação entre dialética, contradição, mediação e escalas espaciais demonstra que a Geografia crítica não se limita à descrição da paisagem, mas investiga os processos sociais e materiais que moldam o espaço, permitindo compreender como formas, fenômenos e regiões concretas expressam, reproduzem e contestam as contradições do mundo real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de totalidade revela-se fundamental para a pesquisa geográfica, sobretudo quando se busca compreender a complexidade dos fenômenos naturais, sociais e culturais. Desde autores seminais, como Ritter e Humboldt, a Geografia sempre se preocupou com a totalidade, ainda que frequentemente de forma idealista ou abstracta. A abordagem marxiana, ao introduzir a dialética, a mediação e a historicidade das totalidades concretas, oferece ferramentas teóricas para ir além dessa concepção idealista, permitindo apreender os processos subjacentes, às contradições internas e as inter-relações dinâmicas que estruturam o espaço, sem no entanto abrir mão da preocupação com a totalidade fenomênica.



Na contemporaneidade, caracterizada por fenômenos globais complexos como crise ambiental, aprofundamento das desigualdades sociais e crises econômicas, revisitar os fundamentos do materialismo histórico dialético constitui um esforço metodológico importante. Essa perspectiva permite compreender como fenômenos particulares se articulam com processos universais e analisar as mediações e tensões que atravessam a totalidade, evitando reducionismos e compreendendo os fenômenos complexos que atravessam diferentes escalas.

REFERÊNCIAS

ALFREDO, Anselmo. Negatividade e a crítica a crítica crítica: sobre espaço, tempo e modernização. *Revista Cidades*, v. 6, n. 10, São Paulo: Expressão Popular, 2009.

ANDRADE, Mariana Alves de. Trabalho e totalidade social: o momento predominante da reprodução social na Ontologia de Lukács. 2011. 122 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/>. Acesso em: 19 out. 2025.

CLAVAL, Paul. *História da Geografia*. Lisboa: Edições 70, 2007. ISBN 9789724413433.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

MARX, Karl. *O Capital I*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858 [esboços da crítica da economia política]*. Tradução de Mario Duayer et al. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

MOREIRA, Ruy. *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MOREIRA, Ruy. Marxismo e geografia (a geograficidade e o diálogo das ontologias). *GEOgraphia*, v. 6, n. 11, 2009.

NETTO, José Paulo. *Introdução ao método de Marx*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.



SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2009.

TAYLOR, Charles; SCHNEIDER, Nélío. *Hegel: sistema, método e estrutura*. É Realizações, 2014.

VITTE, Antonio Carlos. *Natureza em Alexander von Humboldt: entre a ontologia e o empirismo*. Mercator, 2010.